

## Prefácio

Quantas vezes você já não ouviu alguém contar uma experiência difícil que viveu no ministério? Quantos já não passaram por situações em que não souberam o que dizer ou fazer?

Pastores, líderes e até voluntários constantemente se deparam com desafios assim, mas têm de estar preparados para desempenhar na vida dos semelhantes o papel para o qual Deus os chamou.

Naturalmente que a Palavra é o recurso primordial de todos os ministradores da graça e do amor de Deus na vida do próximo. Mas será que existe apenas uma forma de ministrá-la? A Bíblia está repleta de exemplos dessa ministração acontecendo nos mais diferentes contextos e sob as mais variadas formas. Entretanto como fazer isso nos dias de hoje?

Pois é exatamente essa a proposta da série *Manual de Primeiros Socorros para Ministério*: como ministrar a Palavra de forma adequada aos problemas e questões atuais. O primeiro livro da série — já publicado — trata de questões enfrentadas no ministério com jovens e adolescentes. O segundo aborda desafios no ministério com mulheres. Este terceiro manual trata das crises enfrentadas por líderes de pequenos grupos. O que fazer quando morre o filho de alguém que frequenta o grupo? Como lidar com os problemas criados por um processo de divórcio no grupo? E qual deve ser a atitude do líder quando surgir um escândalo na igreja da qual o pequeno grupo pertence?

Às vezes, o pequeno grupo é o único abrigo que a pessoa tem no meio do sofrimento. O líder tem de estar preparado

para administrar as crises que certamente virão. São excelentes oportunidades para o grupo expressar o amor de Cristo de maneira bem prática. Nosso desejo é que este pequeno livro ajude você a ficar mais bem preparado para lidar com os desafios que os membros do pequeno grupo encontrarão pelo caminho.

Os Editores  
Agosto de 2009

# Introdução

Não é fácil lidar com a perda do cônjuge. Nem combater a depressão. Nem encarar um câncer de mama. É difícil, doloroso e brutal.

Entretanto não temos de fazer isso sozinhos.

Os cristãos jamais deveriam enfrentar sozinhos quaisquer dificuldades. As pessoas que os cercam — seus irmãos e irmãs em Cristo — deveriam se oferecer para lhes dar apoio.

“Levai os fardos uns dos outros e assim estareis cumprindo a lei de Cristo” (Gl 6.2).

Embora não seja fácil enfrentar provações, é igualmente difícil estar de fora e tentar ajudar os que sofrem. Não sabemos o que fazer. Temos receio de magoar as pessoas, de “pisar em seus calos”, de falar exatamente a coisa *errada*. Claro que você se preocupa — você ama o próximo! Claro que você quer ajudar — só não sabe como.

O *Manual de Primeiros Socorros para Líderes de Pequenos Grupos* irá ajudá-lo a prestar auxílio aos membros de seu pequeno grupo que estão enfrentando tribulações. Com sugestões de cuidados e conselhos, e ideias práticas sobre o que dizer e o que não dizer, este manual apresenta informações importantes que o capacitarão a cuidar de quem sofre.

Bom mesmo seria nunca ter de usar este livro! Mas a realidade é que todo mundo passa por sofrimentos — inclusive as pessoas de seu pequeno grupo. E elas precisam de sua ajuda.

Quando alguém que você ama está se divorciando, lidando com um filho rebelde ou pensando em suicídio... é hora de

pegar este manual. Consulte o sumário, veja a condição específica com a qual terá de lidar e estude o capítulo.

Cada capítulo apresenta uma *história verídica* — o caso de alguém que passou por aquela situação. Algumas histórias são inspirativas, e você notará como o apoio e o amor de um pequeno grupo sustentaram alguém numa situação difícil. Outras histórias são decepcionantes porque falam de pessoas abandonadas numa tragédia ou rejeitadas nas provações. De qualquer maneira, a história mexerá com você e lhe mostrará a importância de ter amigos fiéis.

Os capítulos também oferecem dicas de amparo, conselhos e ideias para colocar o amor em prática. Desde o preparo de refeições, trabalho de mediação em discussões e recordação intencional, as sugestões irão mostrar como dar apoio eficiente às pessoas de seu pequeno grupo que estão em tribulações.

A seção *Dicas para o grupo* sugere a inclusão de todos na tarefa de ajudar quem está sofrendo. As sugestões práticas são de apoio e amor à pessoa em seu infortúnio.

Há também uma seção de valor inestimável sobre *o que dizer e o que não dizer*. Nossas palavras podem ajudar ou ferir alguém bem mais do que imaginamos. Essa seção sugere como evitar comentários danosos e como usar os favoráveis.

O manual também oferece ajuda bíblica, diretrizes sobre encaminhamento a um conselheiro profissional e recursos adicionais, tais como livros e sites. (Edições Vida Nova não se responsabiliza por informações contidas em fontes externas.)

Este livro serve de guia e ajuda em tempos de crise, mas não substitui conselhos médicos nem legais. Algumas situações demandam terapia profissional ou aconselhamento pastoral.

Pedimos a Deus que este manual seja de grande ajuda em tempos de crise.

*“[Ele] nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus” (2Co 1.4).*



# A morte de um filho

Ajudando os pais durante  
o infortúnio

Dicas de aconselhamento do pastor John C. Jorden  
Dicas de ministração de Kate S. Holburn

Depois de vários anos de casados, Sérgio e Vitória experimentaram uma alegria indescritível com o nascimento do filho Natanael...e um sofrimento inimaginável com sua perda. Esta é a história deles.

**Manual de Primeiros Socorros:** *Como era a situação de sua família e igreja naquela ocasião?*

**Vitória:** Eu e Sérgio tínhamos 27 e 28 anos respectivamente, e nossa filha estava com um ano e meio. A igreja era pequena — cerca de 120 membros — e fazíamos parte de sua liderança.

**Sérgio:** Certa noite, entre o sétimo e o oitavo mês de gestação, Vitória acordou com dores; ela estava em trabalho de parto. O nenê estava atravessado no útero e, assim, Vitória sofreu uma cesariana de emergência. E ali estava nosso filho, Natanael — que nos trouxe uma alegria imensa. Ele passou duas semanas no oxigênio, no berçário do hospital. Minha mãe veio nos ajudar, mas ninguém da igreja se ofereceu para isso.

**MPS:** *O que aconteceu depois que o bebê foi para casa?*

**Vitória:** Quando Natanael chegou a uns dois quilos meio, ele saiu do hospital. Depois de uma semana em casa, e começou a chorar, e não parava mais. Sérgio tinha ido trabalhar de carro (só tínhamos um) e, naquela época pré-celular, não consegui me comunicar com ele. Senti-me sozinha e sem saber a quem pedir ajuda; por fim, convenci um amigo da igreja a nos levar para o hospital. O caos foi total. A sensação de falta de controle...tudo aconteceu tão depressa. Natanael foi levado de helicóptero para outro hospital.

**Sérgio:** Depois de alguns exames, os médicos explicaram que Natanael estava com meningite bacteriana.

**MPS:** *O que aconteceu nos dias seguintes?*

**Vitória:** Passamos uma semana inteira no hospital. Telefonamos uma vez para nosso pastor, e essa foi a única comunicação que tivemos com alguém da igreja. Ninguém nos procurou. Durante todo esse turbilhão, não sentimos medo nenhum. Eu tinha certeza absoluta de que Natanael seria curado. Que milagre espetacular teríamos para relatar!

**MPS:** *O que aconteceu depois?*

**Sérgio:** Os médicos nos deram a notícia...Natanael não iria sarar. Foi aí que desabamos. Perdemos toda a força física e caímos no chão, dominados pelo sofrimento.

**Vitória:** Tomamos a decisão devastadora de assinar o formulário que dava aos médicos permissão para desligar o respirador artificial. O oxigênio que mantinha Natanael vivo foi desligado, e fomos deixados a sós com nosso filhinho. Pegamos Natanael no colo, cantamos e conversamos com ele enquanto sua vida findava. Depois de alguns minutos, notamos que ele lutava para respirar, em resposta à nossa voz. Não querendo prolongar sua agonia, ficamos quietos e esperamos. Quando tudo acabou, eu e Sérgio caminhamos lado a lado pelo estacionamento escuro do hospital. Eram três horas da manhã; uma



verdade nos atingiu como um soco no estômago: ninguém tinha a menor ideia do que nos havia acontecido. Ninguém havia se oferecido para nos levar para casa; ninguém nos aguardava com um abraço afetuoso e uma refeição quentinha.

**MPS:** *Como a igreja reagiu ao saber da morte de Natanael?*

**Sérgio:** Não sabendo exatamente o que fazer, as pessoas nos davam sugestões e conselhos espirituais. A intenção era boa, mas as palavras eram secas e de pouco caso. Alguns evitavam o assunto completamente. Talvez imaginassem que preferíamos não falar no assunto nem ouvir o nome de Natanael. Ou, quem sabe, não falar no assunto fosse mais fácil para eles mesmos. Os membros da igreja ansiavam para que nos mostrássemos tão fortes, bem ajustados e felizes como antes.

**Vitória:** Nos sentíamos isolados e abandonados, mas, não querendo constranger ninguém, entramos no jogo... não falávamos sobre Natanael, púnhamos um sorriso falso nos lábios e garantíamos que tudo estava bem conosco. Deveríamos ter desconfiado daquela falta de atenção e cuidado, contudo não sabíamos que a situação deveria ser diferente. Foi só mais tarde que nos demos conta do que estávamos perdendo.

**MPS:** *Que tipo de apoio vocês receberam que lhes foi muito importante?*

**Vitória:** Duas situações ficaram gravadas em nossos corações e mentes. Primeira, um casal amigo comprou um lote para Natanael no cemitério da cidade. Foi um gesto de extrema delicadeza, e tirou um peso de nossos ombros. Segunda, uma amiga não-crente se aproximou e envolveu-me num abraço, sem dizer uma única palavra. Naquele abraço silencioso, senti-me amada e compreendida.

**MPS:** *Que efeito a morte de Natanael causou em seu casamento e envolvimento na igreja?*

**Sérgio:** Eu e Vitória começamos a ter vidas paralelas — não brigávamos, mas também não existia conexão entre nós.

Por não estarmos envolvidos um com o outro, e porque não recebíamos cuidado emocional nem espiritual da igreja, também nos desligamos de Deus. Passamos muito tempo sem orar juntos e paramos de estudar a Bíblia. Estávamos confusos, apáticos, porém não sentíamos raiva de ninguém, nem de Deus.

**Vitória:** Logo depois da morte de Natanael, voltamos a frequentar os cultos, todavia nosso relacionamento com os irmãos não era o mesmo de antes, e acabamos deixando aquela igreja um ano depois. Foi só depois de mudarmos para outro estado (por causa do trabalho do Sérgio) que começamos a sentir a profundidade da cura de Deus e que encontramos o ambiente aconchegante e vivo que nos fazia falta no corpo de Cristo. Conhecemos pessoas que nos mostraram amor e cuidado, que nos ouviam e se alegravam conosco.

**MPS:** *Como prossegue a história de vocês e Natanael?*

**Sérgio:** Nunca nos esquecemos da data de seu aniversário, e falamos nele constantemente tanto em família quanto com os amigos. Hoje, no tempo de Deus, reconhecemos o impacto causado pela curta vida de Natanael. Por exemplo, um senhor colocou sua fé em Cristo no culto fúnebre de nosso filhinho.

**Vitória:** Sempre haverá um vazio em nossos corações, mas, pela graça de Deus, temos amigos que caminham conosco no sofrimento, amigos que nos ajudam a celebrar a vida preciosa de Natanael.



### NOÇÕES BÁSICAS

Seu grupo é atingido pela morte. A morte de um filho.

Um pai enlutado perguntou como alguém sobrevive à tragédia que é a morte de um filho. Para esse pai, e para muitos outros na mesma situação, a resposta é: “Nós sobrevivemos, e esse é o problema”.

Embora a morte de qualquer pessoa amada seja um evento difícil, a morte de um filho é, por sua própria natureza, algo traumático. Segundo estudos relacionados a sofrimento, a perda causada pela morte traumática é mais difícil de ser processado do que o sofrimento resultante da morte não-traumática. No primeiro caso, o sofrimento é mais prolongado e intenso.

O filho de Walter morreu durante uma tentativa de assalto a uma loja de computadores. Frederico foi uma vítima inocente, por ter reconhecido um dos ladrões. Agora Walter divide sua vida em duas partes: “a época feliz antes da morte de Fred” e “a época infeliz desde que ele se foi”. A morte se tornou um divisor de águas na existência de Walter.

Quando um filho morre, o sofrimento mais agudo por sua perda dura de *dois* a *sete* anos.

A dor pode não ter a mesma intensidade o tempo todo, porém se prorroga intensamente. E a perda acompanhará os pais pelo resto da vida.

Valéria morreu aos 98 anos. Ela passou a vida numa espécie de reclusão e, pelo que se sabe, não tinha família. Seus “bens” estavam num cofre de banco e eram constituídos de um ursinho de pelúcia bem gasto e uma foto da filha que havia morrido há 80 anos com apenas um ano de idade.

É impossível esquecer.

## Cuidados

.....



### Compareça imediatamente!

Não suponha que alguém irá visitar os pais enlutados — nem sempre acontece. Assim que ouvir sobre o infortúnio, largue tudo o que estiver fazendo e corra para ver os pais. Sua presença é a maior prova de amor que podem receber.

### Continue presente

Muitas vezes os pais aflitos de dor não aguentam a solidão. A presença de um amigo é uma garantia de esperança e amor. Permaneça com eles o tempo que puder, e quando tiver de ir embora, ache alguém da igreja ou do pequeno grupo para tomar seu lugar. Seja sensível à necessidade que os pais têm de ficar sozinhos, mas não se afaste até que eles peçam — especialmente nos primeiros meses seguintes à morte do filho.

### Reconheça que o sofrimento é físico

O sofrimento é uma experiência tanto física quanto emocional. Seus amigos enlutados ficarão exaustos, mas terão insônia. O sistema imunológico ficará exaurido, e os resfriados serão constantes.

Encoraje-os a descansar, beber muita água e cuidar da alimentação. Convide-os para refeições em sua casa, ou prepare-as e leve-as à casa deles.

### Cuide das tarefas simples

Preparativos para o funeral. Atestado de óbito. Informações a parentes e amigos. Comunicado à escola. Tudo isso precisa ser feito...mas são detalhes que estressam os pais enlutados. Ajude como puder.

Tome a iniciativa. Fale diretamente com eles. O luto e o sofrimento deixam os pais esgotados fisicamente, e quanto menos favores tiverem de pedir, melhor será. Ofereça-lhes ajuda prática. Precisam de alguém para cuidar dos filhos? De um tempo para relaxar? De uma faxina na casa? Ajude-os a “segurar essa barra”.

### Ore com eles e por eles

Os pais enlutados podem ou não estar prontos a confiar em Deus. Não os critique nem lhes faça sermões. Esteja pronto e disposto a responder suas perguntas quanto à fé. Ao deixar que os pais abordem o assunto, você estará permitindo que eles estabeleçam o ritmo da conversa. Enquanto eles não se manifestam, ore por eles e, de maneira prática, lembre-os da presença constante de Deus.

### Marque presença

Lastimar a morte de um filho é um processo. Não espere que o sofrimento termine em uma semana, um mês, um ano. Ofereça apoio e carinho durante a longa jornada — mesmo quando achar que os pais não precisam mais de sua ajuda. O sofrimento pela morte de um filho reaparece muitas e muitas vezes durante a vida toda. Garanta a seus amigos que eles podem contar com vocês nesses momentos.

## QUANDO BUSCAR

### — AJUDA PROFISSIONAL —

---

É sempre bom incentivar os pais enlutados a buscar ajuda profissional. A experiência é benéfica para a grande maioria deles, e irá ajudá-los a atravessar mais rapidamente o processo de luto. No entanto, é *necessário* buscar ajuda se a pessoa: